

Infelizmente, o tempo foi pouco para este trabalho de progressivo aprimoramento. Seja como for, a sua é uma obra que se impõe para o conhecimento de toda uma época.

Raimundo Antônio da Rocha Lima não viveu o pouco que lhe foi dado em vão. — JOÃO ALEXANDRE BARBOSA.



ALENCAR, JOSÉ DE — *O Sertanejo*. Romance Brasileiro. Introdução por João Alexandre Barbosa. São Paulo, Cultrix, 1969, 290 pp.

Dada sua popularidade entre o público médio, José de Alencar é, sem dúvida, dos escritores brasileiros mais editados. No entanto, nem sempre o estudante universitário ou de segundo ciclo pode contar com um texto fiel e, ao mesmo tempo, acessível, quando deve estudar apenas um ou alguns de seus romances.

A coleção "Obras Escolhidas de José Alencar", lançada pela Cultrix, tem, justamente, esse objetivo, cabendo a responsabilidade do texto a João Teixeira de Paula, autor também das notas que se seguem às explicações do próprio Alencar.

O volume recentemente lançado — *O Sertanejo* — abre-se com uma "Introdução" criteriosamente elaborada por João Alexandre Barbosa. Partindo da localização do romance na obra alencariana, relacionando-a com *Senhora*, livro do mesmo ano — 1875 —, o A. passa à análise da obra, enfocada sob dois pontos de vista, que levam à sua compreensão e interpretação global.

Segundo o A., *O Sertanejo* baseia-se, sobretudo, no apelo a um pacto inicial romancista/leitor, só a partir do qual poderá ser aceito, sem indagações ou restrições. Pois *O Sertanejo* é, antes de mais nada, "um mundo construído segundo a vontade do autor, no qual personagens e situações são distribuídos de acordo com esquemas fixados previamente — dividido o mundo em bons e maus, existindo aqueles que se ajustam e aqueles que contrariam a natureza." (p. 7) 'A partir daí o leitor teria, não o retrato do Brasil, mas sua imagem, refletida na obra quase como uma compensação à perda do mundo vivido pela criança, e que o adulto perdera, sobretudo nas desilusões de suas lutas políticas.

J.A.B. parte desse dado inicial, que analisa detidamente, pois é ele o responsável pelo segundo elemento fundamental da obra: o ângulo narrativo assumido pelo romancista ("a ótica do senhor"), que nos dará a chave para a compreensão de seu herói. Assim, por exemplo, é Arnaldo quem procura restaurar a ordem vigente e restituir o equilíbrio desse universo, sempre ameaçado pelas forças do Mal. E numa realidade social distante no tempo e no espaço daquela dos Romances de Cavalaria, o protagonista evoca, em sua peregrinação, o cavaleiro andante, "cujas proezas foram por muitos anos naqueles gerais o entretenimento dos vaqueiros nos longos serões passados ao relento durante as noites do inverno." (p. 286)

Os dois aspectos analisados com justeza por J.A.B. — a criação de um mundo da imaginação dominado pelo maravilhoso, mundo esse elaborado segundo uma perspectiva única e preponderante — é que nos levam à compreensão da estrutura do romance e, conseqüentemente, da própria estrutura desse universo particular, fixado com poesia e através de "uma ótica do passado" pelo romancista brasileiro. E a objetividade de João Alexandre não impede que se revele, no decorrer das próprias objeções a *O Sertanejo*, seu amor pela obra: também ele aceitou e foi envolvido pelo pacto inicial, que desvenda o mistério da criação de Alencar. — NEUSA PINSARD CACCESI.



A LITERATURA NO BRASIL. Direção de Afrânio Coutinho. 2.^a ed., 1.^o vol. Rio de Janeiro, Editorial Sul-Americana S.A., 1968, 400 pp.

Entre 1955 e 1959, apareceu uma obra fundamental para o estudo da Literatura Brasileira, organizada e dirigida por Afrânio Coutinho — *A Literatura no Brasil*. Esgotada rapidamente, só agora, quase dez anos depois, é reeditada por Leonídio Ribeiro, seu antigo planejador.

Não cabe, aqui, fazer sua apresentação: *A Literatura no Brasil* é plenamente conhecida pelos estudiosos do assunto, e os estudantes universitários — e até mesmo do segundo ciclo — dela se utilizam constantemente para seus trabalhos escolares. Sua reedição se impunha, portanto, e só temos a lamentar que tenha sido realizada tantos anos depois de se fazer sentida sua necessidade.

O plano geral da obra é o mesmo, só tendo sido acrescentados dois itens na 2.^a Parte — *Romantismo* ("A Crítica Romântica" e "Manuel Antônio de Almeida"). A impressão do 5.^o e último volume é confirmada pelo editor; só esperamos que, desta vez, a promessa se cumpra para que o trabalho se complete. No entanto, os possuidores da edição anterior não podem deixar de sentir que sua coleção fique truncada, ou que só se completará com um exemplar cujas características gráficas e formais fogem totalmente às dos outros volumes. Uma preocupação, evidentemente, secundária, mas de qualquer forma válida, já que o plano previamente anunciado não se realizou.

No cotejo entre as duas edições do 1.^o volume, as diferenças anotadas são as seguintes:

- 1 — Supressão das ilustrações.
 - 2 — Supressão da Bibliografia dos Colaboradores.
 - 3 — Na 1.^a edição, ao Registro de Autoria segue-se, à parte, o Quadro da Matéria do tomo I, ou seja, o título do capítulo e a página correspondente. Na 2.^a edição, tem-se o índice do Volume I, que engloba justamente o título do capítulo, seu autor e a página em que se encontra. Apesar da justificativa de Afrânio Coutinho, julgo preferível esta disposição, pois a maior ou menor facilidade em identificar o autor de cada capítulo nada tem a ver com a unidade da obra que, apesar da alteração sofrida, em nada ficou comprometida, já que provém do espírito de equipe dos colaboradores e dos princípios que nortearam a fatura de cada estudo.
 - 4 — Cada um dos capítulos da presente edição é precedido de um plano que especifica seu conteúdo. Inovação positiva que melhor nos dá a localização de um assunto, ao mesmo tempo que esquematiza em tópicos os pontos estudados, facilitando seu entendimento.
 - 5 — As notas de rodapé permanecem inalteradas, a não ser quando se trata de indicação bibliográfica, em que poderá ocorrer:
 - a) a citação de edições mais recentes de obras já indicadas na 1.^a edição;
 - b) o registro da existência de traduções brasileiras de obras estrangeiras;
 - c) o acréscimo de uma ou outra obra recém-publicada, que não constava da 1.^a edição.
- Nesses casos, poderá ou não haver notificação da mudança, o mesmo ocorrendo com notas novas ou suprimidas.
- 6 — Quanto ao conteúdo de cada capítulo, não houve alteração na maioria deles: o capítulo 11 — "Antônio Vieira", de Eugênio Gomes, sofre pequenas mudanças de vocabulário, nenhuma substancial. O capítulo 13 — "O Mito do Ufa-

nismo", do mesmo autor, foi re-escrito e ampliado, no sentido de imprimir ao estudo maior precisão quanto às idéias e palavras. Do item "Prosadores Clássicos", do capítulo 16, de Cândido Jucá Filho, foram eliminados os estudos sobre Monte-Alverne e João Francisco Lisboa, que, ao lado do referente a Hipólito da Costa, passaram a constar do item seguinte, "Do Neoclassicismo ao Romantismo", tendo recebido maior desenvolvimento por parte do novo colaborador da obra — Luís Costa Lima.

Ressalte-se ainda que o Prefácio da 2.^a Edição, da página XI a LXI, é, na verdade, a discussão dos princípios que nortearam a realização de *A Literatura no Brasil*, princípios esses que, dentro da diversidade de pensamento de cada colaborador, alcança dar unidade à obra e responder às críticas feitas, ao longo destes anos, a vários aspectos de seu planejamento e elaboração. — NEUSA PINSARD CACESE.



MOURAO, RUI — *Estruturas*. Ensaio sobre o romance de Graciliano. Minas Gerais, Edições Tendência (1969), 209 pp.

Um trabalho sobre Graciliano Ramos desperta sempre interesse, que pode ou não ser confirmado depois. Rui Mourão consegue num trabalho de nível elevado sustentar e ampliar a área desse interesse, tornando-se a partir de agora Autor obrigatório a todos os que queiram estudar Graciliano. Em seus pressupostos, susceptíveis de várias restrições, Rui Mourão examina a bibliografia sobre o romancista alagoano, fazendo-lhe sérias restrições. Algumas podem inclusive ser aplicadas ao seu próprio método e resultados. No caso de Antônio Cândido, ao método empregado, ressaltando-lhe o bom gosto e certas intuições; a Rolando Morel Pinto, Graciliano como pretexto para incursões da Teoria Literária. Assume, deste modo, R.M. posição de responsabilidade não pequena ao pôr-nos como espectadores de grandes empresas e resultados definitivos. Assim, descartando o psicologismo e o sociologismo, admite como recurso válido na análise literária o "ponto de vista lingüístico, estilístico e literário" (p. 17), porque melo de alcançar a totalidade da obra de arte literária. Para fundamentar seus pontos de vista apóia-se em Dámaso Alonso, Husserl, Antônio Cândido e outros. Daí passa ao estudo dos romances, principiando por *Caetés*.

O fundamento da compreensão do primeiro romance de Graciliano está para Rui Mourão na existência de seus dois planos, que impõe um movimento entre o fluxo interno e o externo. Examinando-o cuidadosamente observa que a causa determinante dessa dinâmica, originando o movimento oscilatório, está em certas propriedades estilísticas que, com rara felicidade, determina o caráter rotatório da ação. Esse movimento entre o plano objetivo e o subjetivo da personagem transcende para o corpo da narrativa onde encontra reflexos equivalentes, fazendo o seu equilíbrio. Deste modo, estabelecem-se os impulsos de uma ação que não se realiza por causa da fiscalização racional da própria personagem, razão dos conflitos entre o mundo interior e exterior de J. Valério. Buscando comprovar as afirmações, R. Mourão empreende a devassa do texto para apontar os momentos mais importantes dos avanços e recuos de J. Valério e da própria ação do romance. Acompanha-o, assim, até mostrar o processo de sua desnudez quando, transportos os escrúpulos cerceadores, surge o caeté clínico, criando uma ética particular para desculpar seu procedimento. Símbolo da luta para fugir ao melo ambiente a êle se entrega, ao fim, sem resistência. A peça voltava à engrenagem uma vez polidas as arestas.

Daí parte para S. Bernardo, recompondo, dentro das perspectivas de seu interesse, os planos básicos do romance, dois no seu modo de entender: Paulo Honório, o narrador colocado fora do texto, relatando objetivamente os acontecimentos,